

RECONTANDO HISTÓRIAS E REVIVENDO MEMÓRIAS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RESGATE DE MEMÓRIA PARA IDOSOS

Letícia Conrado da Silva¹

Maria Cecília Martínez Amaro Freitas²

Resumo

A arte de narrar sempre esteve presente na história da humanidade carregada de valores históricos e culturais que se reafirma com o passar dos anos. Nesse sentido, o presente estudo de cunho bibliográfico busca compreender de que forma a contação de histórias contribui para o resgate de memória do idoso, discorrendo sobre a arte de contar histórias, identificando sua relação com a memória do idoso e analisando os benefícios que pode trazer para o mesmo. Diante do exposto, tornou-se necessário discorrer sobre a narração oral e sua relação com a memória do idoso. Ao longo do estudo, nota-se que a contação de histórias contribui efetivamente para o resgate de memória do idoso, possibilitando sua socialização por meio da percepção de que é ator da sua própria história enquanto sujeito agente no mundo. Percebe-se também que a narração oral contribui de forma significativa para o aumento da melhoria da qualidade de vida do idoso, bem como para a reflexão do seu papel social.

Palavras-chave: Velhice. Memória. Narração de histórias. Socialização.

INTRODUÇÃO

Diversas são as condições em que os idosos são submetidos ao chegar a essa etapa de suas vidas, como abandono, asilos, solidão, doenças crônicas, isolamento. Estudos científicos apontam que esses fatores contribuem para o surgimento de quadros de depressão e exclusão social, prejudicando sua qualidade de vida. Dessa forma, é necessário que os idosos possam ter acesso a atividades que lhes proporcionem alegria e lhes permitam expressar suas memórias e histórias de vidas, permitindo que sejam protagonistas de sua própria história.

Uma dessas atividades é a contação de histórias voltada para o resgate de memória do idoso. Em meio a uma sociedade contemporânea cada vez mais tecnológica,

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2018-1

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

vem decaindo cada vez mais a capacidade de ouvir e trocar experiências com os membros da terceira idade. Sendo assim, é de grande relevância resgatar essa troca de experiência através da narrativa, da relação narrador-ouvinte, que vence distâncias no tempo de geração e geração, assim como arte de contar histórias.

Nesse sentido, este estudo bibliográfico, busca compreender de que forma a contação de histórias contribui para o resgate de memória do idoso, discorrendo sobre a arte de contar histórias, identificando sua relação com a memória do idoso e analisando os benefícios que ela pode trazer para o mesmo.

1. A arte de contar histórias

A arte de narrar sempre esteve presente na história da humanidade. Em um tempo em que não havia a escrita, os povos antigos contavam e encenavam suas histórias para difundirem seus rituais, suas crenças e seus conhecimentos. Além da comunicação oral e gestual, ao narrarem suas histórias faziam registros por meio de pinturas e gravuras nas paredes das cavernas como forma de gravar suas experiências cotidianas. Os conhecimentos desses povos antigos foram sendo passados de geração em geração por meio da oralidade. (BUSATTO, 2006).

Em um tempo em que não havia se desenvolvido a escrita, a transmissão oral foi a forma que esses povos encontraram para passar às outras gerações os seus saberes. Os contadores em suas comunidades retiravam de suas vivências e dos seus saberes o que contar para difundirem seus conhecimentos às outras gerações. (BUSATTO, 2006).

Walter Benjamin (1985) nos lembra de que existem dois grupos de narradores, de um lado os que vêm de longe e trazem suas histórias nas bagagens da viagem, levando para longe a sua cultura e trazendo um pouquinho da cultura do outro, contando e criando o que vivenciou; de outro os narradores locais que sempre estiveram ali, conhecendo a fundo suas histórias e tradições.

As trocas de experiências passadas de geração em geração são as fontes a que recorrem todos os narradores, uma vez que a contação de histórias depende

da relação de quem conta e quem a escuta, cada narrador é único, marcado por suas próprias experiências que estão intimamente ligadas à memória do contador, pois é a partir da memória que surgem as tradições, é ela que promove a passagem de geração em geração (BENJAMIN, 1985).

A contação de histórias ou narração oral permite ao homem desde os tempos mais remotos construir sua própria história relacionando o indivíduo e o tempo, fazendo uma ponte entre o passado e o presente. Na história da humanidade alguns acontecimentos provocaram mudanças na forma do indivíduo se comunicar, como o advento da escrita e da tecnologia. (BUSATTO, 2006).

Cléo Busatto (2006) ao falar do contador de histórias no século XXI, cita que antes da escrita os saberes e costumes eram transmitidos de forma oral como prática das antigas sociedades da cultura oral. Contudo, a narração oral passou a ganhar outro espaço no século XXI, mais tecnológico e digital, o que para Walter Benjamin (1985) representa um declínio da narração no início da idade moderna com a inserção da imprensa.

Segundo Benjamin (1985, p. 185):

As ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça como um todo. Basta olharmos para um jornal para percebermos que seu ritmo está mais baixo que nunca e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não se julgavam possíveis.

Para o autor, as experiências, os conselhos e o ouvir o outro foram deixando de ser comunicáveis. As notícias chegam por meios eletrônico e tecnológico em um ritmo acelerado, carregadas de alterações e interpretações prontas, não permitindo aos ouvintes dar significados a elas. Porém Busatto cita que

A oralidade não deixou de fazer por conta do surgimento da escrita e sua conseqüente leitura, ainda que esta passagem indique outra dinâmica, tanto do receptor quanto do emissor onde a comunicação oral é dirigida por um indivíduo real, vivo ou indivíduos reais vivos em um tempo específico em um cenário que inclui sempre muito mais do que meras palavras. As palavras formadas constituem sempre modificações

de uma situação que é mais do que verbal, elas nunca ocorrem sozinhas em um contexto simplesmente de palavras (BUSATTO 2006, p. 85).

Isso significa que embora vivamos em uma sociedade moderna, com todo o aparato tecnológico, a contação de histórias ainda vive permeando a vida das pessoas, possibilitando compartilhar experiências. Ouvir e contar histórias proporcionam ao ser humano ligações entre o tempo do passado com o presente, ligações entre gerações, culturas e crenças (BUSATTO, 2006).

Segundo Matos (2005, p.75) “ falar é dar, é se dar, se oferecer ao outro (...). Escutar é receber, é acolher, é abrir-se ao outro e ser capaz de portá-lo a si mesmo. Dar e receber são duas maneiras de se unir ao outro”. Sendo assim, a contação de histórias continua sendo a arte de trocar experiências, o contador de histórias recria o mundo por meio das palavras usando a voz, envolvendo o ouvinte de várias maneiras. Tanto quem ouve quanto quem a escuta se apropria da história fazendo que ela nunca seja contada da mesma maneira, pois os ouvintes e os momentos serão outros (MATOS, 2005).

Observa-se assim, que, embora Walter Benjamin vislumbrasse que a narração oral sofreria uma contínua decadência e com isso a contação de história tenderia a se perder no tempo e no espaço junto com o contador de histórias, Cléo Busatto aponta que essa narração não tende a desaparecer, assim como, com a tecnologia, ela se reafirma e adapta às diversas formas de comunicação.

Segundo Cléo Busatto:

O contador de histórias se mantém vivo, ativo, desafiando as novas tecnologias e apropriando-se delas com sua arte de narrar. Vale lembrar também que a contação de histórias permite ou narração oral de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com dimensões do seu ser e da realidade que o cerca. (BUSATTO, 2006, p.25)

Sendo assim, a tradição oral se reafirma no tempo, fazendo com que tanto quem ouve quanto quem conta, viva e reviva sua própria história. Assim, a arte de contar histórias perpassa a mera comunicação e torna-se um recordar de si, trazendo para ambos (contador e ouvinte) uma tomada de consciência da própria experiência de vida. (BUSATTO, 2006).

Essa tomada de consciência se faz acessar pela memória, que funciona como uma rede de conexões seletiva e criteriosa que guarda o que passa pelos sentidos e afeta o ouvinte. Para Bosi (1994, p.84) a memória é a “capacidade épica por excelência”. Dessa forma, ao abordar a contação de histórias como resgate de memórias para idosos, nota-se que essa contação está ligada a memória do idoso uma vez que, tanto quem conta quanto quem escuta, acessa suas lembranças, e é por meio da memória que se expressa o ato de narrar histórias, remetendo o ouvinte a um passado primitivo, levando-o a acessar suas lembranças. (BUSSATO, 2006)

2. Contação de histórias e memória do idoso

A evocação espontânea do idoso das suas lembranças e fatos passados, dos quais participou em determinado lugar e momento de sua vida se dará por meio da memória episódica diante da qual recorrerá para acessar e evocar suas lembranças passadas.

As concepções acerca da velhice apresentam características diferentes de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço e perpassam trajetórias de vida individual, social e cultural. Nesse estudo leva-se em consideração a representação de idoso de acordo com a Organização mundial da saúde (OMS) que o caracteriza como indivíduo com idade a partir de 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento, e a partir de 65 anos nos desenvolvidos.

Sabe-se que com o avanço da tecnologia e da medicina o perfil de idoso vem sofrendo diversas mudanças. Hoje, ao se tratar de pessoa idosa, há de se levar em consideração o acesso a recursos como educação formal e saúde. Entretanto, essas mudanças de atitudes e conceitos por parte de muitas pessoas com 60 anos ou mais, não se estendem a toda sociedade.

Ao analisar a memória do idoso, acessada por meio da narração oral, observa-se uma evocação espontânea de suas lembranças e fatos passados, dos quais participou em determinado lugar e momento de sua vida, ela é caracterizada como memória episódica diante da qual ele recorre para acessar e evocar suas lembranças passadas. (FROTA,2016)

Ecléa Bosi (1994) cita que para os idosos a relação com a memória é bem específica, se, por um lado, é complicado recordar de coisas atuais, por outro, há, muitas vezes, facilidade para acessar lembranças do passado, o que gera várias narrativas. Segundo a autora:

Há dimensões de aculturação que, sem os mais velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram, e partiram então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Essa força, essa vontade de revivescência, arranca do que se passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. (BOSSI, 1994, p.74)

Dessa forma, a experiência do idoso pode ser transformada em ensinamento para os mais jovens, nota-se, porém, que nesta sociedade contemporânea em que vivemos cada vez mais tecnológica, não há mais tempo ou paciência para lidar com isso, as trocas transmitidas pela memória e os afetos vão se perdendo, e com elas perde-se também a troca de experiências. Sendo assim, ao contar e ouvir histórias, os idosos buscam se ocupar consciente e atentamente do seu próprio passado e da substância mesma da sua própria vida. Segundo Bosi:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsam seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lera quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que imagens antigas, sepultadas no inconsciente desde sua infância, recobrem a força de transpor o limiar da consciência só então. (BOSI, 1994, p.60)

Pode-se afirmar que não há memória sem esquecimento, também pode se dizer que, muitas vezes, não há memórias quando o esquecimento é intencional, portanto, ao contrário do que geralmente pensamos, a memória não é a capacidade de guardar ou acumular informações e lembranças com precisão, a memória é o processo de reelaboração de informações e experiências de vida. (SANTOS, 2017)

Nesse sentido, Silva (2010 apud SANTOS, 2017, p.14) destaca que:

Não encontramos na memória o que realmente aconteceu no passado, isso não é necessariamente um problema, nem inutiliza a memória, muito pelo contrário. É justamente por não encontrarmos em determinada memória o que realmente aconteceu, que outras versões do passado podem ser reivindicadas por diferentes indivíduos e grupos sociais.

Esse comportamento demonstra o vínculo do idoso com outra época, a consciência de ter suportado, vivenciado diversas situações, faz sua vida ganhar significado ao encontrar ouvidos atentos, sua conversa é evocativa por meio da memória, sendo uma experiência profunda para quem conta. Segundo Bossi (1994, p.82)

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desconfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte.

Percebe-se assim que surge não apenas a necessidade de resgatar a capacidade de ouvir e trocar experiências, mas também a capacidade de resgatar memórias, pois é através da memória que surgem as narrativas.

Segundo Benjamin (1985, p.213):

A contação de histórias está intimamente ligada a memória do contador, pois é a partir da memória que surgem as tradições, é ela quem gera a passagem de geração em geração. Ouvir e contar histórias são ações ligadas a memória, já que esta última é indispensável para essas práticas.

As histórias carregam consigo a memória que resulta na construção de narrativas carregadas de valores históricos, culturais e sociais, ou seja, os idosos ao contarem histórias estão se “ integrando ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele ” (FREIRE 1999 apud LEITE, 2016, p. 8).

3. Benefícios da contação de histórias para o idoso

Como o perfil do idoso vem se transformando ao longo dos anos e cada vez mais tem se pensado em meios para a melhoria de sua qualidade de vida, Neri (1999 apud GOMES, 2001, p.48) ressalta:

Envelhecer bem significa estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro. A satisfação na velhice dependeria da capacidade de manter ou restaurar o bem-estar subjetivo justamente numa época da vida em que a pessoa está mais exposta a riscos e coisas da natureza biológica, psicológica e social.

Dessa forma, a contação de histórias surge como proposta de melhoria da qualidade de vida que permite aos idosos se ocupar conscientemente de suas histórias, possibilitando assim uma ressignificação de mundo, das leituras de mundo trazidas ao longo de suas vivências acessadas por meio da narração oral, podendo ser considerada como uma ferramenta crítico reflexiva. Ou seja, a partir do momento em que o indivíduo relembra sua própria época ele, recria, revive e ressignifica demonstrando suas épocas e momentos vividos por meio da contação de histórias. (LEITE, 2016).

Sendo assim, contar e ouvir histórias permite aos idosos reativarem suas memórias que podem ser evocadas pela narração das suas histórias. Na medida em que se abre o diálogo por meio das narrações, surgem vínculos com outras épocas, trocas de experiências. Deve ser entendido que o envelhecimento não retira do indivíduo sua dignidade e capacidade de aprender.

Segundo Vasconcelos (2016, p.37):

A arte de contar histórias, que atua nas mais diferentes dimensões do processo humano, pode, de alguma forma, colaborar com a criação de uma visão mais holística do ser humano. Pode ainda, trazer novas respostas, as inquietudes conscientes e inconscientes, sejam elas, respostas individuais ou coletivas. Pode alterar estados de ânimos, com isto, construir pontes para uma nova compreensão do processo da doença, da cura, da vida. Com isto, colaborar com a realização de um estado harmonioso de viver a vida em sua totalidade.

Observa-se que contar histórias contribui também para a garantia do bem estar do idoso, o que contempla a lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 (p.1), presente no Estatuto do Idoso, que assegura " Todas as oportunidades e facilidades para a

preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual, e social, em condições de liberdade e dignidade”.

Na medida em que contam suas histórias ressignificam, mudam também a percepção de si e de mundo, portanto, contar histórias torna-se também um instrumento de cura, de expressão e percepção enquanto sujeito social e agente no mundo. Ao se tratar dos inúmeros benefícios da contação de histórias, Mattos (2014 apud VASCONCELOS) analisa que contar histórias auxilia a sociedade a solucionar problemas o isolamento, a falta de memória e o cuidado com questões emocionais, assim, compreende-se que para o idoso contar histórias traz aproximação, autonomia, transformação social e emocional. Contar histórias é um resgate e reviver de memórias.

Ao se pensar em contar histórias, percebem-se melhorias para a qualidade de vida do idoso, que ao passar pelo envelhecimento, fato biológico e natural da vida, necessita se sentir parte da sociedade, como sujeito que a compõe. É preciso que se sinta ativo, para tanto, torna-se necessário que sejam ouvidos e que os ouçam, compreendo-o e os respeitando-o.

Por meio da contação de histórias, o idoso, não apenas rememora mas se sociabiliza, uma vez que, a contação de histórias possibilita diminuir carências sociais e afetivas, bem como fortalece sua visão de mundo. Observa-se que por meio da socialização, proporcionada por meio da contação de histórias, o idoso pode também resgatar sua autoestima, que torna-se abalada devido à posição social que é dada ao idoso na medida em que vai envelhecendo, podendo então evitar o sentimento de solidão, depressão e inutilidade.

Contar histórias possibilita ativar a memória ao acessar lembranças, fazendo com que tragam sentido, ligando passado e presente. Ao recordar, o idoso se percebe presente e agente no mundo, se sociabiliza, reflete, lida com seus sentimentos, resgata sua autoestima, ensina, aprende, transmite valores e tradições, permitindo trocas de experiências, afetos e relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a contação de histórias como resgate de memória para idosos, evidenciou-se que, embora tenha diminuído expressivamente, com o advento de novos

meios de comunicação e conseqüentemente as diversas transformações ao longo da história, ela permanece viva e se reafirma, haja vista que permeia a vida humana desde os tempos mais remotos por meio da tradição oral.

Diante da busca por compreender de que forma a contação de histórias contribui para o resgate da memória do idoso, nota-se que a memória é um processo de reelaboração de informações e experiências de vida, sendo assim, ao utilizar-se da oralidade, o idoso, retira do que vivenciou seu caráter transitório, fazendo com que entre de modo constitutivo em seu presente.

Embora o envelhecimento seja uma etapa natural na vida de todo ser humano, ainda permeiam na sociedade concepções carregadas de preconceitos acerca do idoso e seu papel social. Compreende-se que, embora, tenham surgido novas maneiras de conceituar o idoso, não apenas pela idade cronológica, mas levando uma série de outros fatores, como classe social, percebe-se que, em sua maioria, os idosos ainda são rejeitados socialmente, o que gera uma sensação de incapacidade que por muitas vezes gera quadros de depressão e exclusão social.

Sendo assim, a contação de histórias, que sempre esteve presente na vida do homem, surge como um valioso instrumento para a melhoria da qualidade de vida do idoso e um importante recurso para o acesso e resgate da memória, haja vista que possibilita, por meio da narração oral, um cardeal de cultura, crenças, valores, lembranças e sentimentos, além de possibilitar socialização e trocas de experiências. Ao narrar, o idoso se apropria de sua história, tornando-se seu principal personagem, trazendo consigo relatos de um tempo passado, mas que se torna significativo no presente.

Sabe-se que é necessário que haja ouvidos atentos e dispostos a ouvi-los, políticas públicas voltadas para a garantia dos seus direitos e sua cidadania, além de meios para a melhoria da qualidade de vida do idoso. Nota-se que tem aumentado o interesse de diversas áreas acerca do idoso, bem como pesquisas, porém ainda são poucas considerando o aumento dessa população ao longo dos anos e suas necessidades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 3. ed.-São Paulo: companhia das letras, 1994.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço/Cléo Busatto. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Estatuto do Idoso: Lei n.10.741, de 1º de outubro de 2003. -São Paulo: Sugestões literárias, 2003.

FROTA, Norberto Anízio Ferreira. **Neurologia cognitiva e do envelhecimento**: Do conhecimento básico á abordagem clinica. São Paulo: Editora e eventos Omnifarma. 2016.

GOMES, Jesiel Ferreira. Geração de informação, trabalho e qualidade de vida: Estudo da velhice no mercado varejista de João Pessoa-PB. **Revista À terceira idade**, São Paulo, v.12. N°23, p.35-52, nov-2001

LEITE, Joana Dark. **Círculo de contação de histórias em uma associação de idosos**: Leituras de mundo, performances e memórias. Goiânia, 2016. Disponível em: [https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Projeto-Joana Dark Leite-março2016.pdf](https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Projeto-Joana%20Dark%20Leite-março2016.pdf)>. Acesso 11/04/2018:

12

MATOS, Gislaine Avelar de. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins fontes, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar & SORSY,Inno. **O ofício do contador de histórias**: Perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SANTOS, Nikelly Ferreira; Pereira Josana Batista. Título. **Ciências humanas sociais**. Alagoas. V.4.n.2.p.13-28. Novembro de 2017. Acesso: 11/04/20018

VASCONCELOS, Benedito Clarete de. **A arte de contar histórias**: uma experiência de cuidado no projeto de extensão Palhasus. 2016. Dissertação.UFPB,João Pessoa. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8741>.Acesso 11/04/2018: